

## SOBRE O(S) SISTEMA(S) DE ESCRITA EM PLATAFORMAS DIGITAIS<sup>67</sup>

Vicente de LIMA-NETO<sup>68</sup>

**Resumo:** A história da escrita tem pelo menos cinco mil anos no mundo, período pelo qual passou por inúmeras mudanças, em busca de acompanhar a evolução porque passam as sociedades. Neste artigo, busco discutir as peculiaridades da escrita ao desembarcar, desde fins do século XX, em plataformas digitais, como telas de computador, *smartphones* e *tablets*, e o que isso implica na organização das sociedades, principalmente se analisada a escrita em textos de redes sociais da internet.

**Palavras-chave:** Sistemas de escrita. Internet. Plataformas digitais.

**Abstract:** *The history of writing has at least five thousand years in the world, period for which it has undergone many changes, seeking to monitor the societies developments. In this paper, I discuss the writing peculiarities to arrive, since the late twentieth century, in digital platforms such as computer screens, smartphones and tablets, and what that implies in the organization of societies, especially if analyzed the written in social networks sites on the internet .*

**Keywords:** *Writing systems. Internet. Digital platforms.*

---

<sup>67</sup> Este artigo é fruto da discussão da mesa redonda intitulada Tecnologias e Ensino de Línguas, apresentada na VIII Semana de Letras da FAFIDAM/ UECE, em Limoeiro do Norte-CE, no período de 9 a 12 de dezembro de 2014. Uma versão preliminar dele foi publicada na obra organizada por Araújo et al (2015).

<sup>68</sup> Docente de Linguística da Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA), Caraúbas-RN, Brasil. E-mail: vicente.neto@ufersa.edu.br

## **Considerações iniciais**

A internet mostrou diferentes maneiras de nos relacionarmos no e com o mundo, mas ela foi apenas uma das muitas revoluções sociais porque passou a humanidade. Se pensarmos em uma dessas revoluções, como a escrita, veremos que esta também sofreu transformações principalmente a partir de sua chegada em suportes digitais, como o computador, no século XX.

Meu intuito aqui é discutir o histórico da escrita até ela desembarcar, no século XX, em suportes digitais, como as telas do computador, e, no século XXI, em suportes portáteis, como *smartphones* e *tablets*, além de verificar quais são suas implicações sociais. Defendo que, desde a sua descoberta, nas paredes das cavernas francesas de mais de trinta mil anos, o sistema de escrita pictórico nunca foi tão atual, principalmente a partir de sua saliência em plataformas digitais que comportam a escrita.

## **Surgimento da escrita e seus sistemas**

Uma das características que constituem o homem como espécie humana é a linguagem articulada, que se materializa na composição de textos cuja finalidade é a comunicação. É a partir de produções textuais, sejam orais ou escritas, que temos como avaliar o funcionamento da língua numa determinada sociedade. Independentemente de uma língua ser ágrafa ou não, ela tem sua própria complexidade e suas próprias regras de funcionamento. O fato de algumas línguas (poucas, diga-se de passagem, frente às ágrafas) terem escrita não as torna superiores ou mais evoluídas do que outras.

Começo por trazer a questão fala x escrita por dois motivos: primeiro, por entendê-las, com Marcuschi e Dionísio (2007), como dois funcionamentos distintos de um mesmo sistema linguístico; segundo, por entender que ambas as modalidades têm suas próprias peculiaridades, regras e variações, e uma não deve ser supervalorizada em detrimento da outra. Este é um comportamento comum principalmente de sociedades gráficas, como a brasileira, que atribui grande valorização social à escrita.

O fato é que, com a popularização da internet e, mais recentemente, das redes sociais, nunca escrevemos tanto como atualmente. Discuto, nesta subseção, três fases distintas da história da escrita: a pictórica, a ideográfica (ou logográfica) e a alfabética.

Há registros de que o *homo sapiens* tem uma idade aproximada de 195 mil anos<sup>69</sup>, enquanto as primeiras manifestações da escrita datam de 30 a 32 mil anos, tendo sido descobertas em 1994<sup>70</sup>.



Figura 1: Desenhos das Cavernas de Chauvet

Fonte: <http://cpv.com.br/blog/index.php/programa-imperdível-cinema-3d-caverna-dos-sonhos-esquecidos/>

Diante da história do homem, passamos pelo menos 160 mil anos nos comunicando apenas pela fala. É óbvio, portanto, em termos históricos, que a modalidade escrita da língua é considerada bastante recente. Se levarmos em conta somente o sistema alfabético, que utilizamos no Brasil, temos então um percurso histórico ínfimo na evolução da comunicação humana, de aproximadamente quatro mil anos.

Com Cagliari (2009, p. 88), assumo que a escrita “tem como objetivo primeiro permitir a leitura”, e esta “[...] é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala” (p. 88). Nesta perspectiva, podemos dizer que elementos imagéticos, como os desenhos mostrados acima, são também um exemplo de escrita. Eles foram encontrados nas Cavernas de Chauvet, na França, e são considerados os primeiros registros da história da escrita da humanidade.

Para Kato (2001), exemplos dessa natureza são conhecidos como *pictogramas*, entendidas como figuras esquemáticas de animais, objetos geométricos etc., cujo intuito era, à ocasião, registrar a expressão humana. O sistema pictográfico ainda não possuía uma relação direta com a fala. O que se tinha era um outro modo semiótico de enunciar, além da oralidade:

---

<sup>69</sup> Informação disponível em: <http://360graus.terra.com.br/expedicoes/?did=12336eaction=news>. Acesso em: 8 dez. 2014.

<sup>70</sup> Informação disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Caverna\\_de\\_Chauvet](http://pt.wikipedia.org/wiki/Caverna_de_Chauvet). Acesso em: 9 dez. 2014.

as representações imagéticas. Por pelo menos 30 mil anos, era dessa maneira que os humanos se expressavam, considerada a primeira fase histórica da escrita, até a chegada da escrita cuneiforme.

A segunda fase foi um processo de estilização que o sistema pictográfico sofreu, “para facilitar o traçado, e cujo uso é gradativamente convencionalizado” (KATO, 2001, p, 13). Os *logogramas* (ou *ideogramas*) são o resultado dessa estilização e foram praticados primeiramente pelos sumérios, cujos registros da escrita dita cuneiforme datam de 3500 a.C. Segundo Bezerra (2007, p. 16), “[...] as tábuas de argila eram preparadas para a chamada escrita cuneiforme em um tamanho que pudesse ser segurado por uma das mãos enquanto com a outra se escrevia, usando uma espécie de estilete”. Logo, este tipo de escrita ficou assim conhecido pelo fato de os sumérios se utilizarem de estiletes ou algum objeto em formato de cunha.



Figura 2: Tábuas de argila suméria  
Fonte: <http://migre.me/sQTvS>

Para Kato (2001, p. 14), “o logograma já tem estatuto linguístico de palavra, e, portanto, tem também sua representação fonética. [...] Durante o processo de convencionalização, os logogramas passaram a representar também ideias associadas aos objetos primitivamente representados pelos pictogramas”. Dessa maneira, um mesmo logograma pode ter vários significados. Vê-se que, durante a evolução da fase pictográfica para a logográfica, muitos elementos mais representativos das figuras foram sendo perdidos, de maneira que ficaram apenas convencionalizados. Segundo Cagliari (2009), na escrita egípcia, por exemplo, o símbolo  serviria tanto para louvar quanto para suplicar. Já o logograma  poderia significar tanto “olho”, quanto a ação de “ver” ou outras ações relacionadas a olho. O símbolo  podia significar *ondas* ou *água* e assim por diante.

A terceira fase, a *alfabética*, se caracteriza pelo uso de letras (CAGLIARI, 2009), que vieram da evolução do sistema logográfico. Veja, por exemplo, que a nossa letra *m* surgiu do logograma egípcio de água; o *o* veio do símbolo de um olho.

O alfabeto, cuja característica principal é de representar as consoantes, teve sua origem nas civilizações semíticas. Posteriormente, os fenícios iniciaram a representação das vogais, que se consolidou com os gregos. O alfabeto tem aproximadamente três mil anos – uma ninharia! – comparado com a história da humanidade e, em particular, com a história da língua falada. (MORAIS, 2013, p. 20).

Os primeiros alfabetos não se utilizavam de vogais. As palavras eram reconhecidas apenas pelas consoantes, como se vê no hebraico e no árabe atualmente. O nosso sistema alfabético, como é conhecido hoje, tem origem no sistema greco-latino:

Os gregos adaptaram o sistema de escrita fenícia, ao qual juntaram as vogais, uma vez que, em grego, as vogais têm uma função linguística muito importante na formação e no reconhecimento de palavras. Assim, os gregos, escrevendo consoantes e vogais, criaram o sistema de escrita alfabética. [...] Posteriormente, a escrita grega foi adaptada pelos romanos, e esta forma modificada constitui o sistema alfabético greco-latino, do qual provém o nosso alfabeto. (CAGLIARI, 2009, p. 95-96).

Embora de origem greco-latina, o sistema de escrita da língua portuguesa não é totalmente alfabético: ao utilizar números, sinais de pontuação e diacríticos, utilizamo-nos de uma escrita ideográfica também. Saber disso é um bom exemplo de que nenhum dos três sistemas – pictórico, logográfico e alfabético – deixou de existir. Veremos, num primeiro momento, que eles perpassaram diferentes suportes de escrita e, num segundo momento, que a união desses sistemas tem acontecido de maneira muito saliente nos suportes digitais.

## **Percurso da escrita em variados suportes até o século XX**

Até chegar às telas dos *smartphones*, cujas funções sociais têm sido a cada dia mais valorizadas e acentuadas nestes aparelhos, a escrita teve início, como vimos, nas tábuas de argila sumérias. Concomitantemente, os chineses se utilizavam do bronze ou de cascos de tartaruga (BEZERRA, 2007).



Figura 3: Inscrições em carapaça de tartaruga  
Fonte: <http://migre.me/ocluV>



Figura 4: Tábuas de bronze romanas  
Fonte: <http://migre.me/sQTgc>

Há indícios de que a escrita mais antiga do mundo é a chinesa, e não a suméria, a partir de inscrições muito parecidas com os ideogramas chineses atuais, encontradas em carapaças de tartaruga que datam de 8600 a.C.<sup>71</sup>, perspectiva que altera sensivelmente a história dessa tecnologia no mundo.

Na mesma época, os egípcios se utilizavam do papiro, uma planta em abundância no delta do Nilo, e o espalharam como suportes de escrita por cerca de quatro mil anos. Diante da rápida deterioração e a limitação geográfica onde tal material poderia ser localizado, as peles de animais (carneiro, ovelha, cabra, antílope etc.) figuraram como um novo suporte de escrita. Elas passaram a ser tratadas para tal finalidade e, com isso, surgiu o pergaminho, o avô do livro moderno, um objeto com dois bastões nos quais estava enrolada a pele de animais que continha as inscrições. Estamos já na Antiguidade Greco-Romana, época de popularização dos pergaminhos. À ocasião, as obras literárias vinham enroladas nesse objeto e raramente ultrapassavam dez metros de comprimento, já pela dificuldade de manuseio do material.

O pergaminho, montado folha a folha, transformou-se no códice, o pai do livro. Essa nova configuração do suporte permitia um maior conforto para o leitor, já que “se permitiu gestos inéditos (folhear o livro, citar trechos com precisão, estabelecer índices) e favoreceu uma leitura fragmentada, mas sempre percebia a totalidade da obra, identificada por sua materialidade” (CHARTIER, 2002, p. 30).

---

<sup>71</sup> Informação disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1804200303.htm>. Acesso em: 17 jan. 2015.



Figura 5: Pergaminho  
Fonte <http://migre.me/oclsU>



Figura 6: Códice romano  
Fonte: <http://migre.me/oclHg>

O códice assumiu um formato utilizado até hoje, agora com outro suporte da escrita, o papel, oriundo de fibras vegetais, que surgiu na China e se popularizou apenas na Idade Média. Desde então, os livros impressos, como os conhecemos, eram os principais elementos de disseminação do conhecimento até o século XX, com a chegada de novos suportes de escrita, agora de natureza digital.

### **Escrita na web no século XXI: sistema pictórico-logográfico-alfabético?**

O primeiro monitor de um computador que permitia a leitura de textos em sua tela foi o do Apple II, de 1977, produzido por Steve Jobs e Steve Wozniak. À época, os monitores só reproduziam uma única cor, a verde, de várias tonalidades, bastante diferente do que se tem hoje. Era o início de uma importante era na história da escrita.

Do século XV ao XX, o livro impresso em papel e a escrita alfabética formavam um par perfeito. Turbulências nesse casamento começaram a surgir com a emergência desse personagem que apareceu para embaralhar todas as cartas da cultura: o computador trazendo com ele o reinado do universo digital” (SANTAELLA, 2012, p.4)

Santaella argumenta que o surgimento dessa tecnologia traz o início da digitalização da informação, que, agora, independe do meio de transporte. Isso garante a mesma qualidade e estocagem da informação, diferentemente de antes do computador, já que os diversos suportes de escrita tinham características peculiares que só permitiam um ou outro tipo de linguagem.

Além do aparecimento do computador pessoal, na década de 1970, uma maior alteração nas formas de se relacionar com o mundo através da escrita foi propiciada com o surgimento da internet, no início da década de 1990. Para além das possibilidades interativas do suporte e

do hipertexto, sobre as quais não me deterei aqui, busco discutir o que se tem visto nas interações em gêneros discursivos na/da web que tiveram sua potencialidade enunciativa bastante salientada a partir desses suportes digitais em redes sociais da internet (RSI), como em blogs e *chats*, no fim da década de 1990, e a emergência de sites de redes sociais, como Orkut, Twitter e Facebook, nos últimos onze anos.

No Brasil, os *chats* se popularizaram juntamente com a internet. Quando se analisa a escrita que ali ocorre, vê-se que algumas práticas na web se convencionalizaram a partir do uso de certas estruturas morfológicas pelos internautas, linguagem que foi, mais tarde, chamada de *internetês*.

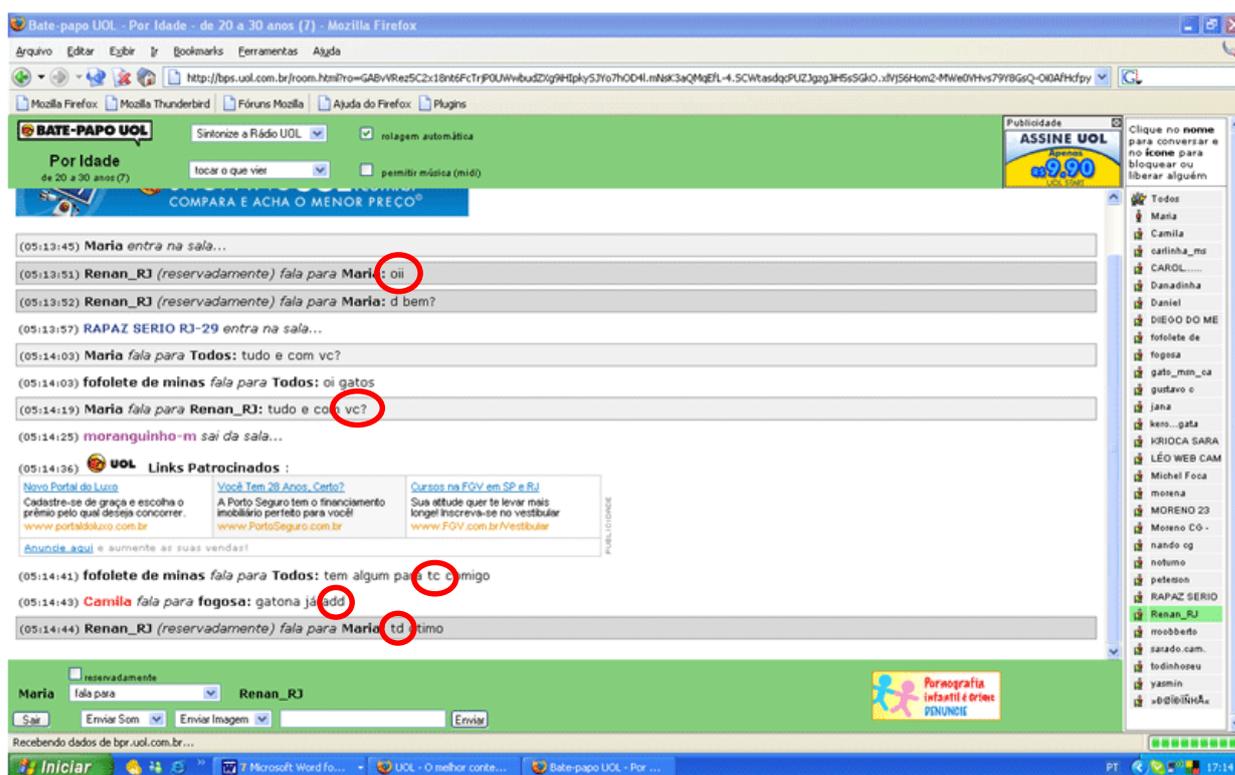


Figura 7: Chat do Universo Online

Fonte: www.uol.com.br

A imagem mostra, num *chat* do site Universo Online<sup>72</sup>, que a escrita ali utilizada recorre ao uso sistemático de abreviações, como em “vc”, “tc” e “td”; alongamentos de vogais, como em “oii”, ou ainda empréstimos linguísticos, como em “add”. As primeiras demonstram, como já disseram Marcuschi (2005) e Araújo e Biasi-Rodrigues (2005), que os enunciados, que são produzidos em tempo real, precisam ser escritos da maneira mais rápida possível, de forma que se consiga acompanhar uma interação com mais de um usuário ao mesmo tempo. De certo

<sup>72</sup> www.uol.com.br

modo, isso lembra remotamente o que acontecia nos primeiros alfabetos fenícios, que não se utilizavam de vogais: nessa escrita digital, parece que as consoantes, que é o que tende a ficar nas abreviações, são essenciais, enquanto as vogais, acessórias.

A segunda busca imitar uma situação de uso real da fala, quando se busca alongar um determinado fonema como estratégia de polidez. No caso, o alongamento da vogal “i” apenas demonstra a simpatia da interactante, o que transmite a abertura de diálogo. Por fim, temos uso de empréstimos linguísticos, como “add”, que significa *adicionar*. A terminologia é trazida do inglês e é muito mais curta do que seu correspondente em português.

A maneira de se escrever na *web*, embora tenha ganhado terreno nos *chats*, ainda em meados da década de 1990, já está bem sedimentada, e isso pode ser comprovado com o que atualmente se faz em sites de redes sociais, como o Facebook. Luiz Sobrinho e Komesu (2009) já haviam defendido a tese de que a ausência de vírgulas em enunciados de *chats* deveriam ser um parâmetro de caracterização deste gênero. O fato é que este traço foi bem além dos *chats* e se estenderam para a escrita na web em variados gêneros cujo índice de informalidade na interação é alto.



Figura 8: Tirinha no Facebook

Fonte: <https://www.facebook.com/suricateseboso/?fref=ts>

Convenções do sistema de escrita utilizado na língua portuguesa, como certas regras de pontuação ou acentuação ou o uso de letras maiúsculas ou minúsculas em determinados contextos, não têm razão de existir em memes<sup>73</sup> do Facebook. Há razões para isso, das quais merece destaque a herança ainda da linguagem em *chats*: o tempo para usar tais regras é muito alto para os padrões da web. Nas interações em sites de redes sociais, regras de pontuação não são valorizadas socialmente. Além disso, é perfeitamente aceitável uma escrita que imita uma variante linguística mais informal da oralidade, como a utilizada em algumas cidades nordestinas, como Fortaleza. No primeiro quadrinho, o personagem Sebosinho, em diálogo com sua mãe, expressa: “Mãe a Toinha hidratou ur cabelo e tá pedinu dinhêru pa comprar uma tôca” (*grifos meus*).

As formas “*ur*” = “os”; “*pedinu*” = pedindo; e “*pa*” = “para” são usos próprios de variantes linguísticas mais desprestigiadas socialmente, mas largamente utilizadas em contextos mais informais. É claro que esses usos denotam, num nível discursivo, uma valorização da cultura nordestina, e isso não está em discussão. O que está é a aceitação de tais usos nestes ambientes digitais, que podem ser propagados para fora da internet.



Figura 9: Outdoor Suricate Sebosinho

Fonte: <http://www.rafiado.com/2013/06/delantero-suricate-ferrovia/>. Acesso em: 5 nov. 2015.

A figura 9 é um exemplo de como certos usos da escrita propagados na internet podem ser aceitos fora daquele ambiente: trata-se de uma campanha de óculos<sup>74</sup> que foi divulgada em variados suportes, dentre eles outdoors espalhados pela cidade de Fortaleza. Expressões como

---

<sup>73</sup> Memes são artefatos linguístico-discursivos que se replicam na web por um determinado tempo.

<sup>74</sup> A campanha da marca de óculos Ferrovias foi elaborada pela Delantero Comunicação.

“*corra mar linda*” (coisa mais linda) são ditas dessa maneira informalmente, independentemente da classe social/ nível de instrução do falante.

Para além dessas características típicas de uma escrita na web, tem-se o frequente uso de *emoticons*, que é uma “[...] modificação criativa na escrita da língua em ambiente digital, cujas características apontam para uma linguagem alfanumérica” (ARAÚJO, 2007, p. 28). A ideia dos *emoticons* é representar sentimentos humanos a partir do uso das próprias teclas. Por exemplo, a representação de alegria pode ser **:D** ou ainda **:-)**, enquanto a de tristeza pode ser **:-(**. Esta é mais uma tentativa de representação de uma situação espontânea de conversação, que sempre é complementada por recursos paralinguísticos, como gestos e expressões faciais. Vê-se que, em gêneros discursivos na web que prezam por essa interação mais síncrona, como os *chats*, a internet traz esse traço de união entre as modalidades oral e escrita da língua, possivelmente pela necessidade de comunicação rápida e precisa. Na escrita de antes da internet, embora viável, isso era desnecessário.

Ao passo que essas práticas de letramento na web aos poucos se convencionalizaram, foi necessário que houvesse uma incorporação desses *emoticons* às linhas de programação dos mais variados *softwares*. Por exemplo, ao digitar dois pontos e parênteses, simbolizando uma expressão de alegria, *softwares* como Microsoft Word ou Facebook já são programados para exibirem o ícone ☺. Eis um bom exemplo de como o sistema pictórico de escrita jamais deixou de existir, sendo salientado na web. Penso que o ápice do uso de ícones de emoção foi no extinto Microsoft Messenger (MSN)<sup>75</sup>:

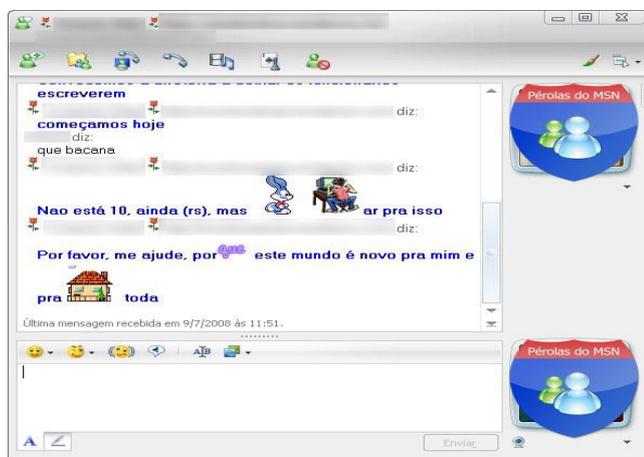


Figura 10: MSN

<sup>75</sup> O programa de mensagens instantâneas da Microsoft ganhou popularidade a partir do ano 2000 e teve seu serviço encerrado em 2013, sendo incorporado pelo Skype, também da Microsoft. Informação disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN\\_Messenger](http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN_Messenger). Acesso em: 23 jan. 2015.

No MSN, era comum o uso exacerbado de *emoticons*, de maneira que muitas frases podiam ficar ininteligíveis. Ao digitar a palavra *casa*, por exemplo, era o ícone  que aparecia no meio da sentença. Mas não necessariamente poderia ser este o significado. Veja a sentença acima: “*não está 10, ainda (rs), mas*   *para isso [...]”*. O verbo “IR” era representado pela figura do coelho, que, na tela, era animado, portanto, andava, dando a ideia de movimento. Já um homem sentado à frente do computador era o símbolo exibido ao se digitarem as letras “FIC”, daí o lexema “FICAR” ser construído pela soma de um elemento imagético e as duas últimas letras da palavra.

Ainda à época, os usuários poderiam atribuir diferentes significados às figuras. Por exemplo, era possível que o coelho em movimento pudesse significar, para outro usuário, o termo “coelho” mesmo, e não “vai”. Isso muitas vezes dificultava a comunicação, já que cada usuário poderia atribuir significados diferentes aos mesmos significantes. Esta escrita era um produto de um trabalho árduo de programadores de *softwares* que se debruçavam sobre uma sintaxe computacional própria. O usuário comum não precisava dominá-la. Como bem disseram Luiz Sobrinho e Komesu (2009, p. 3055):

Os enunciados em circulação no ambiente virtual não dizem respeito apenas ao gráfico ou ao linguístico, mas ao aspecto sócio-histórico que ressignifica os dizeres na era digital, a uma escrita que passa a ter novos valores quando transposta a um suporte tecnológico, em que o lápis e o papel cedem lugar ao teclado, ao *mouse*, à tela do computador.

Nos anos 2010, outro termo surgiu: os *emojis*. Segundo Souza (2015, online), a grande diferença entre *emoticons* e *emojis* é que

*emoticons* são feitos no improviso, utilizando-se de caracteres comuns que costumamos usar no dia a dia, enquanto os *emojis* são desenhos próprios e inéditos, tratados como extensões do conjunto de caracteres ocidentais usados na maioria dos sistemas operacionais da atualidade (o famoso Unicode), tal como os ideogramas chineses, coreanos e japoneses. Trata-se, por um lado, de algo ruim, já que seu software precisa ser compatível com determinado caractere inédito para exibi-lo corretamente.

Os *emojis*, cuja criação é atribuída ao cientista da comunicação japonês Shigetaka Kurita, são a evolução dos *emoticons* no século XXI. Ao contrário dos *emoticons*, que surgiam na comunicação imediata, a partir dos usos de diacríticos, os *emojis* são gravuras já prontas,

produzidas por um sistema operacional próprio (Unicode). Este nome passou a ganhar notoriedade a partir do seu uso no aplicativo *Whatsapp Messenger*, próprio para *smartphones*.



Figura 11: Conversa no Whatsapp

A conversa em questão foi printada da tela do meu próprio celular, quando discutíamos onde poderíamos realizar a festa de fim de ano de um grupo do aplicativo. Trago o exemplo para mostrar que a conversação em plataformas digitais não precisa necessariamente de elementos linguísticos para ser realizada. Os turnos das usuárias Niáscara e Monaliza, por exemplo, são constituídos apenas de *emojis*, enquanto a usuária Lígia Leite mescla tanto um sistema alfabético (o que utilizamos em língua portuguesa) quanto o pictórico. Esses exemplos demonstram que o mais antigo sistema de escrita, o pictórico, datado de 32.000 a.C., nunca foi tão atual.

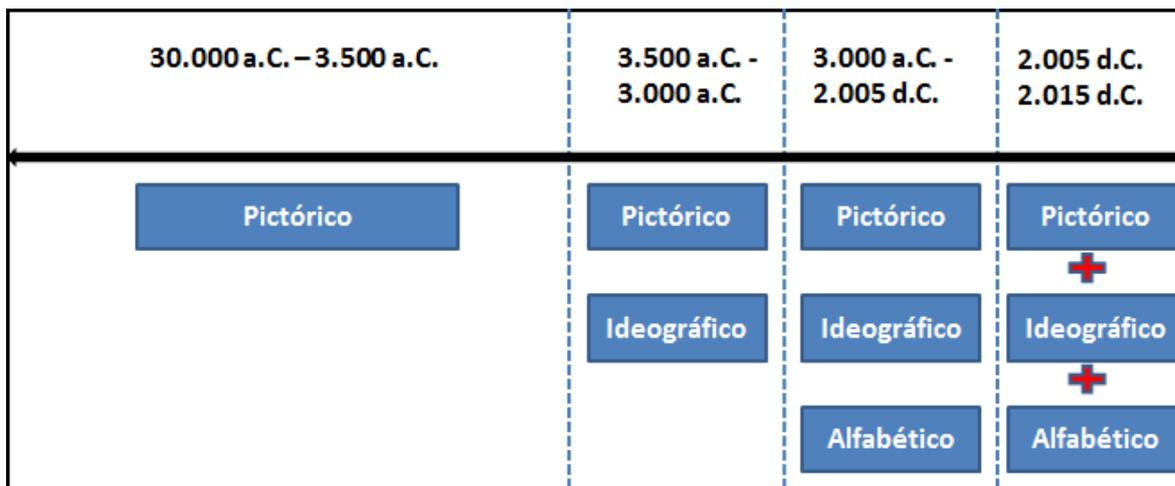


Figura 12: Sistemas de escrita em harmonia ao longo do tempo

Fonte: Elaboração própria

Por quase 30 mil anos, a comunicação escrita foi feita apenas por um sistema, o pictórico. O sistema ideográfico e o alfabético surgiram quase concomitantemente e, desde então, os três sistemas sempre coocorreram, com poucas ocorrências em que um participava do espaço do outro. Agora, com os sites de redes sociais, nos últimos dez anos, os três sistemas caminham praticamente juntos, quase imbricados. Menezes (2015), por exemplo, já propõe diferentes funções de *emojis* na interação digital, como a indicação de emoção, de afeto e de substituição de palavras. É bem verdade que tais funções são herdadas dos ainda *emoticons*, mas a diferença é que a valoração social que se dá a uma escrita multimodal hoje, a partir do *emoji*, nas plataformas digitais – atrelando com muita frequência sistema pictórico/ alfabético – é tão grande quanto a valoração social que se dá ao sistema alfabético em contextos formais de escrita na sociedade brasileira, por exemplo.

Tais usos apenas retratam um reflexo das sociedades modernas, cada vez mais multimodais e usuárias de um perfeito domínio de distintos sistemas de escrita em harmoniosa coocorrência.

### Considerações finais

Busquei, neste artigo, mostrar que o sistema pictórico, o mais antigo da escrita, com mais de trinta mil anos, nunca foi tão atual, já que ele demonstra um reflexo das sociedades modernas. Embora a língua portuguesa se utilize de um sistema alfabético em ambientes

formais, esta realidade é ampliada quando analisados ambientes informais em plataformas digitais.

O que se vê atualmente é que tanto o sistema pictórico quanto o alfabético e, em alguns casos, o ideográfico, coexistem na internet de maneira harmoniosa e mostram peculiaridades da escrita digital em ambientes menos formais, como a despreocupação com regras de acentuação e de pontuação e do uso de elementos imagéticos atrelados ao sistema alfabético tradicional.

## Referências

ARAÚJO, J. C. O internetês não é língua portuguesa? **Vida e educação**, ano 4, n. 13, p. 28-29, mar./abr. 2007.

ARAÚJO, J.C.; BIASI-RODRIGUES, B. **Interação na internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

ARAÚJO, A. S. et al. **Reflexões linguísticas e literárias**. Fortaleza: HBM Digital, 2015.

BEZERRA, B. Do manuscrito ao livro impresso: investigando o suporte. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.). **Texto e discurso sob múltiplos olhares: gêneros e sequências textuais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 9-37.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

KATO, M. **O mundo da escrita**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2001.

LUIZ SOBRINHO, V. V.; KOMESU, F. Ausência total de vírgulas em enunciados de bate-papo virtual: critérios para a caracterização de um gênero do discurso. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa (PB). **Anais da ABRALIN**. João Pessoa (PB): Ideia, 2009. p. 3051-3059, 2011.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: L.A. MARCUSCHI; A.C. XAVIER (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: \_\_\_\_\_. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 13-30.

MENEZES, V. L. P. **Os emojis na interação digital**. 2015. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/vlmop/os-emojis-na-interao-digital>. Acesso em: 10 nov. 2015.

MORAIS, J. **Criar leitores para professores e educadores**. Barueri, SP: Manole Editora, 2013.

SANTAELLA, L. Transmutações da escrita em suporte digital. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 37, n. 62, p. 2-15, jan./jun. 2012.

SOUZA, R. **Você sabe qual a diferença entre emoticons e emojis?** 2015. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/web/86866-voce-sabe-diferenca-entre-emoticons-emojis.htm>. Acesso em: 3 nov. 2015.